

CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA



Censo vai revelar a quantas anda o Brasil

Nada menos de 3.387 recenseadores estão em atividade no Espírito Santo, realizando o Censo 2010, que acontece em todo o Brasil desde segunda-feira e vai se estender até 31 de outubro, quando deverá mostrar a quantas estamos nesses 10 primeiros anos do século XXI. Este que vos escreve participou do recenseamento de 1960, o primeiro no País após a Segunda Guerra Mundial.

Foi uma experiência altamente gratificante, em pesem os sacrifícios para levar a empreitada a bom termo.

Agora, o trabalho está sendo executado com auxílio de modernos computadores portáteis, enquanto naqueles tempos os boletins, enormes e minuciosos, eram preenchidos na base da esferográfica sobre a prancheta apoiada nos joelhos.

Nossa inesquecível incursão pelo mundo da estatística oficial se deu graças ao saudoso Tito Lívio Vicenzi, então diretor regional do IBGE, que nos desafiou a participar do censo, alegando que seria fato histórico, pois desde 1940 não se sabia a quantas estava o País em termos de população e situação econômica.

Primeiro, operamos dentro da capital e nos demos muito bem. Recenseamos quatro setores em tempo recorde: Morro do Forte, Morro do Romão, Morro do Quadro e boa parte da avenida Jerônimo Monteiro até os altos da rua Coronel Monjardim, o que nos encorajou a partir para o censo rural.

Em agosto daquele ano, no auge dos nossos 20 anos, cheios de fé e amor pra dar, seguimos para o interior de Colatina com os também recenseadores Vicente Portela e Aloísio Silveira.

Nosso destino foi primeiro São Gabriel da Palha, depois Barra Seca e Vila Valério, que naquele tempo eram distritos colatinenses. Então, teve início nossa aventura.

Não havia condução até as propriedades rurais. O trabalho tinha de ser feito a pé e as distâncias entre as fazendas eram continentais.

Em São Gabriel da Palha, nossa primeira base de trabalho, em

termos de hospedagem só existia a tradicional Pensão do Povo, cujos banheiros ficavam instalados sobre uma armação de madeira fantástica e perigosa.

Saiamos pela manhã e voltávamos à noite estuporados e, muitas vezes, com fome, pois não era fácil convencer habitantes da região de que só pretendíamos recolher dados sobre a situação econômica, ao invés de listar seus bens para o governo se apropriar deles.

Esse comportamento era resquício da época da guerra, quando grupos de espartalhões usaram o nome do governo para pilhar interiores desavisados.

Pois agora, 50 anos depois, ainda há pessoas que se negam a receber recenseadores, alegando medo de assaltos.

Infelizmente, é sinal dos tempos, mas recenseadores trabalham uniformizados, munidos de crachás identificadores que podem ser facilmente conferidos. Basta um telefonema para o número 0800 721 8181, impresso nos coletores que eles usam.

Depois de São Gabriel da Palha nos transferimos para Vila Valério, onde a situação era pior. Lá nem pensão havia, ficamos na casa de

um líder político que falava mal de todo mundo e não queria que visitássemos alguns de seus desafetos.

E assim, a duras penas, gastamos no tal do censo rural o que havíamos ganhado no censo da capital. Mas valeu a pena, a experiência que adquirimos nos foi útil para o resto da vida.

Até hoje, quando passamos pela região, agora bem diferente do que era nos anos 60, sentimos saudades daquela época.

Ou serão saudades dos nossos 20 anos?



Este que vos escreve participou do recenseamento de 1960, o primeiro no País após a Segunda Guerra Mundial